



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17719 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT18 - Educação de Pessoas Jovens e Adultas

RELAÇÃO ESCOLA E TRABALHO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DOS EDUCANDOS

Djanira do Espírito Santo Lopes Cunha - UFPI - Universidade Federal do Piauí

Maria da Glória Carvalho Moura - UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUI

RELAÇÃO ESCOLA E TRABALHO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RELATOS DOS EDUCANDOS

1 INTRODUÇÃO

O decurso da socialização humana, construído historicamente, subentende o processo de aprendizagem por intermédio da educação, a qual perpassa a relação entre as pessoas, que se transformam em agentes educativos. Nesses termos, a educação diária, cotidiana, está misturada com a vida. Ela não é imposta, posto que o saber de cada um é legitimado nas trocas sociais, diante de situações socializadoras. Por essa razão, torna-se pertinente discutir preliminarmente a educação baseada em sua concepção e seu contexto social.

A modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), traz como consequência, precárias condições de vida da maioria da população, associadas a um sistema escolar para as classes trabalhadoras regido pela lógica da exclusão (BAQUERO, 2004).

Tendo isso em vista, a EJA espelha um quadro de exclusão histórica, tanto social, cultural e econômica, quanto em nível de políticas públicas voltadas ao setor educacional, sobretudo na educação pública, cujas consequências mais graves repercutem o fracasso dos processos educativos desenvolvidos na maioria das escolas do país.

Refletir do educando de EJA e sua relação com trabalho, infere a possibilidade de dar voz a esse sujeito, atentar para suas ideias sobre a suas vivências, as dificuldades enfrentadas e expectativas criadas.

Assim, discorremos o presente estudo, como parte da pesquisa de doutorado, que analisou como a prática pedagógica do professor, a partir dos princípios andragógicos e da teoria experiencial de Kolb, contribui para a aprendizagem de pessoas jovens e adultas, nos anos iniciais do ensino fundamental. Para essa finalidade, apresentamos um recorte da pesquisa supracitada, de forma a apontar as a relação entre escola e trabalho elencadas pelos educandos em sala de aula na modalidade da EJA. Nessa perspectiva, no presente trabalho, objetivamos refletir a relação escola e trabalho por meio dos relatos dos educandos de EJA e possíveis impactos em suas vivências.

2 OS EDUCANDOS DA EJA E A ESCOLA

Abordar a questão do jovem e do adulto que frequenta a EJA pressupõe reconhecê-los enquanto sujeitos de direitos e conceber a escola como espaço de formação humana que atenda a essas prerrogativas – quanto ao tempo educativo, aos formadores, às vivências, ao pertencimento social, à busca pela escolarização – embora as tensões sociais e as desigualdades na qualidade da oferta obstaculizem tudo isso.

Nessa conjuntura, destaca-se que o adulto chega na escola com uma concepção de mundo, com sua identidade consolidada e experiências de vida, que servirão de base na composição e complexidade da construção de conhecimento, cujo repertório de saberes deve servir de mecanismo para a atividade docente.

Durkheim (2014) afiançou que em cada um de nós existem dois seres, o individual e o social que, apesar de serem inseparáveis, são distintos. Desse modo, a educação é responsável por constituir o ser social, que abrange a coletividade com moralidades, linguagens, religiões e ciência, na busca de um ideal humano.

Na presença de tantas situações coletivas, onde o trabalho social demanda um conhecimento qualificado de forma que a educação vira ensino, definindo o saber e os usuários deste para além das fronteiras experienciadas no dia a dia, onde todos têm acesso a diferentes saberes, mais especificamente conhecem sua especialização e diferenciação.

Nesses termos, Brandão (2002, p. 131) sancionou que a educação é uma escolha: escolha de sentidos, destinos e modos que são previstos para a vida

humana, sendo “[...] a seu modo e em seus limites e finalidades, um fator muito importante no trabalho social de definição de rumos e de recriação de pessoas e projetos.” Sendo assim, a escola ensina os conhecimentos sistematizados cientificamente, além de associá-los a uma formação ética e política, sendo, ainda, uma instituição social determinada por forças de interesses políticos e econômicos.

Para Freire (1979), em uma sociedade de classe, como a brasileira, toda educação é classista, por estar a serviço dos mais favorecidos, resultando em uma pedagogia para as classes dominantes e outra para as oprimidas, sustentada por um humanismo idealista – pautado pelas escolas particulares e religiosas – e outro tecnológico – que contempla métodos e técnicas em uma educação despolitizada para a grande massa da população.

Nessa perspectiva, Freire (1979) nos chama atenção para a configuração da educação como um ato político, enraizado no homem que está em busca constante de ser mais, por isso se educa, sendo sujeito de sua própria educação e não objeto dela. Essa procura deve ser esperançosa e promovida em conjunto com os outros, pois o homem está no mundo e com o mundo, e deve compreender sua realidade, levantar suas hipóteses e procurar soluções. Esse entendimento teórico modificou as concepções e influenciou diferentes práticas educativas na EJA.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O contexto investigativo e o metodológico assumem papel imprescindível, na medida em que define o caminho a ser seguido, as formas de pensar a realidade e problematizá-la.

Assim, o referencial teórico metodológico da pesquisa, delineia-se como uma pesquisa-ação colaborativa. A predileção pela abordagem colaborativa alinha-se ao objeto de estudo com vistas a possibilitar uma visão sistêmica dos sujeitos participantes do processo.

O cenário de investigação dessa pesquisa, corresponde a uma escola pública da rede estadual de ensino do Piauí, no município de Teresina com oferta na modalidade de EJA no turno noturno, incorporando o Ensino Fundamental e o Ensino Médio.

No contorno apresentado, traçamos a participação de 11 (onze) discentes. Para tanto, os dados destacados provem do questionário destinado aos educandos, o qual foi empregado para recolher informações com vistas a construir o perfil dos participantes e identificar informações pertinentes ao contexto escolar, já que se

pretendia “produzir informações sobre um grupo, bem como sobre os sujeitos singulares que o constituem, sendo informações complementares em relação ao que nos interessa conhecer” (GONZÁLEZ REY, 2010, p. 176).

Com propósito de manter o anonimato dos participantes, os educandos estão identificados por pseudônimos denominado de frutos.

Ressalta-se que a organização dos dados produzidos por meio dos instrumentos utilizados na pesquisa, está distribuído conforme o núcleo de sentido identificado. Em vista disso, segundo Bardin (2009, p. 145), a organização dos dados é feita a partir da “[...] operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos.”

No processo de interpretação dos dados, nos respaldamos na Análise de Discurso (AD), ancorada na abordagem de Michael Pêcheux e seus colaboradores, a qual, traz a língua falada e sua relação com a história, com a sociedade e as suas possibilidades de uso e apropriações, ou seja, trata a linguagem em seu contexto, e a percepção a realidade.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dessa maneira, levando em consideração os aspectos que emergiram com os dados obtidos no processo investigativo, apoiados nas perspectivas desses jovens e adultos acerca do que desejam alcançar, tendo em vista o lugar onde estão e para onde querem ir, será exposto o eixo temático “Tipo de Ocupação”, conforme argumentos expostos no Quadro 01.

Quadro 01 – Eixo Tipo de ocupação

Nº/PSEUD.	CONTRIBUIÇÕES DOS JOVENS E ADULTOS ESTUDANTES COLABORADORES
-----------	---

1 Tamarindo	- Trabalho pegando bola no campo, quero ser mesário de futebol, ganha mais. Penso em trabalhar quando aprender escrever, de motorista de ônibus.
2 Jatobá	- Trabalho como motorista de ônibus [...] gosto muito de eletrônica, nas horas vagas faço esses serviços.
3 Sapoti	- Costureira em casa mesmo [...] tenho vontade de fazer cursos, terminei agora o de costureira, tenho vontade de entrar na área de informática [...] tenho muita dificuldade.
4 Mangaba	- Não [...] tenho vontade [...] Na fábrica de Cremosinho [...] para ganhar.
4 Mangaba	- Trabalho de mototáxi. Trabalhava antes de motorista. Estava ganhando pouco e saí do emprego, me arrependi, atualmente estou como mototáxi.
5 Buriti	- Só em casa, faço salgado e vendo. Todo dia vai gente comprar. Acordo três horas da madrugada, tenho três entregas, seis horas eu estou no comércio. Para me erguer, dá valor o que eu tenho. Queria ter estudado administração, me dei bem em administrar. Se eu chegar até lá com a lanchonete, queria ser uma pequena empresária.
6 Carambola	- Em casa, trabalho doméstico. Trabalhei com o comércio em casa. Estou planejando colocar novamente.
07 Pitomba	- Desempregada está fazendo quatro meses. Cuidava de criança de um ano e três meses. A mulher ficou desempregada e não dava para pagar. Estou cheia de dívida, adoro criança. Queria ser veterinária, é meu sonho.
08 Cajá	

Fonte: organizado pela autora (2017).

Os relatos dos estudantes sobre sua ocupação legitimam a centralidade do trabalho em suas vidas, e a relação entre escola e trabalho. Autentica-se que o trabalho tem uma função vital na vida dos estudantes colaboradores, por razões ligadas à renda, à melhoria de vida, como exposto por Tamarindo (“quero ser mesário de futebol, ganha mais”) e Carambola (“para me erguer, dá valor o que eu tenho”).

Nesse contexto, Frigotto (2007) reiterou que o trabalho possui dupla face: atividade vital e alienação. É atividade vital na medida em que o ser humano cria sua existência a partir da ação consciente do trabalho em resposta às suas necessidades, de forma que avança, cria, modifica a natureza, ao tempo que suas carências são atendidas e novas surgem, transcendendo a natureza e tornando-se um ser social. Conseqüentemente, o trabalho assume seu princípio formativo, educativo, ao permitir ao homem criar seus meios de vida e socializá-los.

No processo de alienação, o trabalho divide os seres humanos em classes antagônicas: os que detêm a propriedade privada do capital, buscando o lucro; e os que precisam vender sua força de trabalho para sobreviver, os quais estão alienados em si mesmos, servindo de

ampliação ao capital dos proprietários dos meios de produção, estabelecendo relações desumanizadoras.

Nessa perspectiva, Frigotto (2007) ressaltou a divisão do trabalho em social – ao responder às suas necessidades –, e técnica – por controlar o trabalhador e aumentar a produtividade visando ao aumento do capital.

Partindo do pressuposto de que, segundo Pêcheux (2008, p. 31), todo enunciado reflete propriedades que “[...] se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo”, o discurso representa o contexto no qual o sujeito está inserido.

À vista disso, ao atrelar a fala dos estudantes ao seu contexto de trabalho, a Análise do Discurso aquiesce que o trabalho que eles exercem, apenas alimenta a produção de capital dos mais favorecidos, posto que não refletem sobre seu papel no mundo do trabalho, não participam de processos de mudança social e o trabalho não contribui para sua própria ascensão social, ou seja, fica restrito apenas à manutenção de sua existência na sociedade capitalista.

Para mudar essa realidade, os indivíduos buscam o caminho da escola, ligado diretamente à instrução intelectual. Esse formato promove nitidamente a separação entre escola e produção, gerando o que Saviani (2007, p. 157) chamou de *dupla identidade da educação*, pois “de um lado, continuamos a ter, no caso do trabalho manual, uma educação que se realizava concomitantemente ao próprio processo de trabalho. De outro, passamos a ter a educação do tipo escolar, destinada à educação para o trabalho intelectual.”

Assim, o homem precisa dominar a cultura letrada, ou seja, necessita de uma formação geral para viver. É com esse propósito que os jovens e adultos recorrem à escola, como dito por Tamarindo (“penso em trabalhar quando aprender escrever, de motorista de ônibus”); Sapoti (“tenho vontade de entrar na área de informática [...] tenho muita dificuldade”); Mangaba (“tenho vontade [...] Na fábrica de Cremosinho [...] para ganhar”); Pitomba (“trabalhei com o comércio em casa. Estou planejando colocar novamente”); Carambola (“queria ter estudado administração, me dei bem em administrar. Se eu chegar até lá com a lanchonete, queria ser uma pequena empresária”); Cajá (“queria ser veterinária, é meu sonho”).

Ao recorrerem a escola, os educandos, distinguem informações relevantes quanto às suas dificuldades, pois ao mesmo tempo que trazem a necessidade de retomar sua escolarização, declaram seus obstáculos em alinhar suas vidas com trabalho e o processo de ensino-aprendizagem. Esse cenário revela que é “[...] necessário distinguir entre a valorização da experiência da classe trabalhadora visando concorrer para sua emancipação e a valorização “interessada” (RUMMERT, 2011, p. 158).

A perspectiva emancipatória, conforme nos aponta Rummert (2011, p. 158), reveste-se de um caráter transformador e de ruptura com o formato existente de sociedade, enquanto a

valorização “interessada”, pressupõe “[...] ampliar o trabalho morto a partir da expropriação do conhecimento produzido na complexidade do trabalho vivo”. Essa dualidade apresenta o desafio da Educação de Jovens e Adultos em valorizar e refletir a experiência do trabalhador e sua produção social da existência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que a relação escola e trabalho, ultrapassa os muros da escola e ecoa na vivência dos educandos como propósito, perspectivas de mudanças e expectativas de um futuro com qualidade de vida.

Nesse panorama, constatou-se que os estudantes colaboradores buscam o resgate do vínculo entre trabalho e educação, denotando claramente suas perspectivas de melhoria de vida com o avanço da escolaridade. Por certo, a escola é o aparelho principal nesse processo e o sistema de ensino precisa ser pensado, estruturado e organizado para igualmente atender a essa demanda.

Desse modo, a EJA como modalidade de ensino, a partir do pressuposto de educação ao longo da vida, contribui para a construção da cidadania na medida em que oferece elementos norteadores da prática pedagógica, considerando o tipo de aluno, a formação necessária aos professores que atuarão nessa modalidade, bem como as possibilidades de conteúdo e orientações didáticas que tragam uma perspectiva emancipatória.

REFERÊNCIAS

BAQUERO, R. V. Â. **Saberes na formação de educadores de jovens e adultos: o que privilegiam? O que excluem?** In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 8., Coimbra, set. 2004. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/pdfs/RuteBaquero.pdf>>. Acesso em: 3 dez. 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2009.

BRANDÃO, C.R. **A educação popular na escola cidadã**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. Tradução de Stephania Matousek. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FRIGOTTO, G. [Fundamentos científicos e técnicos da relação trabalho e educação](#)

[no Brasil de hoje](#). In: LIMA, J. C. F.; NEVES, L. M. W. **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Fiocruz/EPSJV, 2007. p. 241-287.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

PÊCHEUX, M. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5. ed. Campinas, SP: Pontes, 2008.

RUMMERT, S. M. Educação de jovens e adultos trabalhadores e a produção social da existência. In.: TIRIBA, L.; CIAVATTA, M (Orgs.). **Trabalho e educação de jovens e adultos**. Brasília: Líber Livro e Editora, UFF, 2011.

SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a12v1234.pdf>>. Acesso em: 15 mar. 2017.